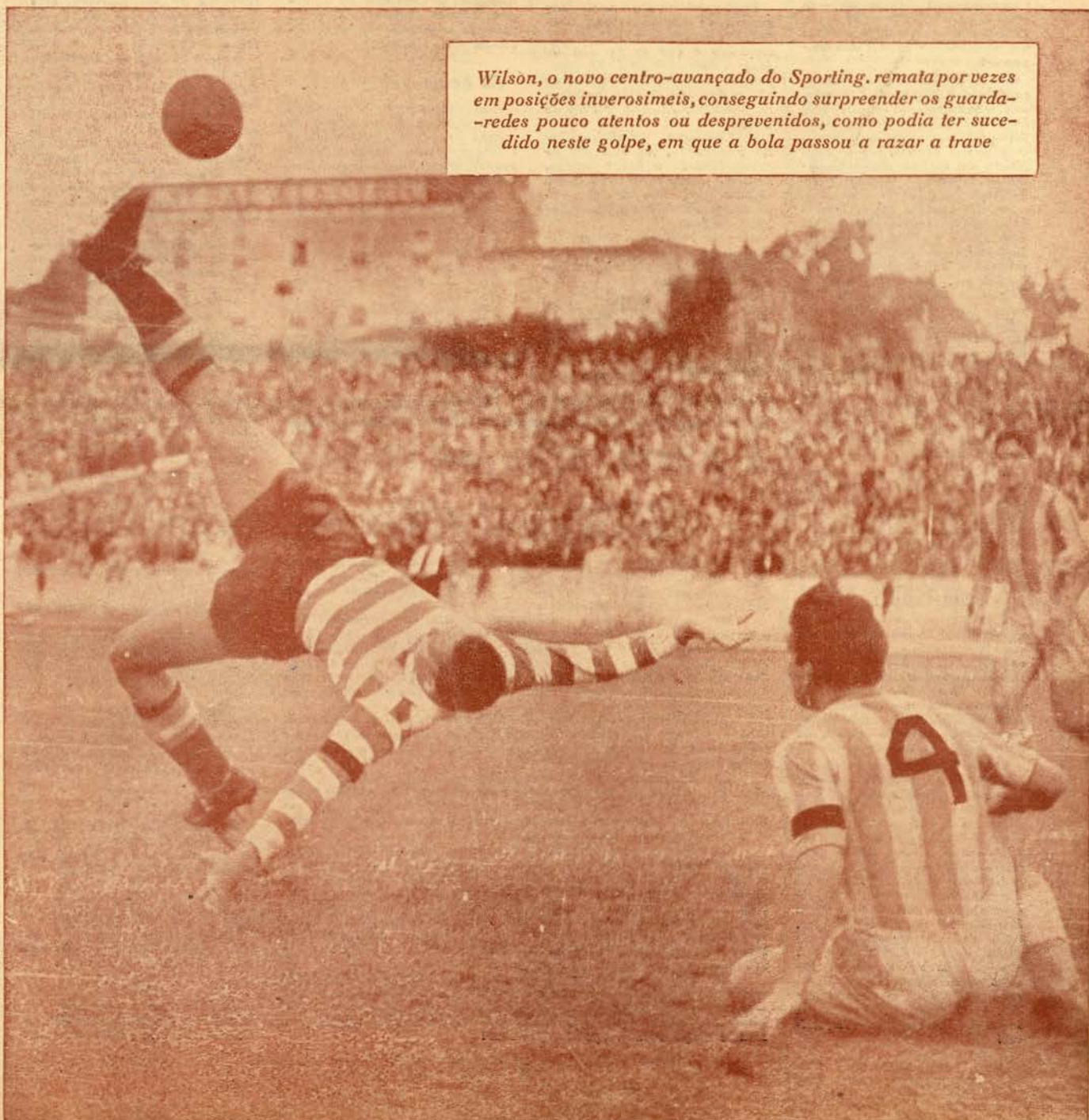


Stadium

N.º 365
30 - Novembro - 1949
Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Wilson, o novo centro-avancado do Sporting, remata por vezes em posições inverosímeis, conseguindo surpreender os guarda-redes pouco atentos ou desprevenidos, como podia ter sucedido neste golpe, em que a bola passou a razar a trave



Impossível

DE 1945 a 1950, a difícil missão de seleccionar, e, mais alguma coisa, de escolher e preparar o grupo dos Internacionais, foi entregue nada menos nada mais do que a onze pessoas — cozes verdadeiramente espantosas! — dois seleccionadores únicos e três Conselhos de Selecção, todos estes cargos de vida efémera, o período mais longo foi de duas épocas, sem linha de continuidade, não havendo tempo para se verificar se os métodos em prática eram proficuos, quassa sem tempo suficiente para se ver se as pessoas estavam à altura da tarefa. Chegou-se ao cúmulo de se convidar um seleccionador só para uma temporada!

Em 1945, a missão estava confiada ao Conselho Técnico da Federação, mas praticamente apenas a Salvador do Carmo e Augusto Pedross, visto João de Brito, o outro componente, se conservar ausente, fora do País. Aberto um conflito entre o Conselho de Selecção e os dirigentes, a Federação convidou para o cargo, como seleccionador único, Tavares da Silva, que o desempenhou durante duas épocas e pizo sobrecarregadas de encontros, para, enfim, se demitir, voltando-se à formula do Conselho de Selecção, desta vez a cargo de Virgílio Paule, Martinho de Oliveira e João de Brito (que não esteve até ao fim), durante uma curta época, para se preferir depois, novamente, o seleccionador único, uma temporada apenas, Armando Sampalo, retomando-se agora o recato, não sem alguma surpresa, do Conselho Técnico transformado em Comissão Seleccionadora, a cargo de Salvador do Carmo, João de Brito e Amadeu Rodrigues.

E tudo isto, e todas estas nomeações, sancionadas pelas entidades oficiais, correram a cargo da mesma Comissão Administrativa, a quem foram confiados os interesses do futebol português. Em cinco anos, que é o período a que nos referimos, os dirigentes foram sempre os mesmos mas os seleccionadores mudaram sempre. Estranhas coiza!

E mudaram, porque toda a gente os toma como responsáveis pelo que se verifica, quando a verdade é que os directores da Federação são os autênticos e legais responsáveis não só por direito de representação como por não acompanharem por vezes devidamente a missão do seleccionador, semeando até um ou outro escolho pelo caminho.

E' bem de ver que, com semelhante orientação federativa, não é possível ter, como alguns pretendem, uma espécie de selecção permanente, visto o critério e a maneira de trabalhar variar de homem para homem, e mo é da condição humana, nem se pode fazer trabalho em conformidade com os interesses do Jogo. A única forma é tornar a função estável, entregando-a a pessoa apta, e amparando o Seleccionador na altura em que, tendo ele feito o possível, por variados e múltiplas causas, as coisas não correm bem e a desgraça bater à porta. Assumindo os dirigentes da Federação a responsabilidade que, verdadeiramente, lhes cabe e impende. Caso contrário — impossível!

No Muro da Bola

Pelo "Jornalista" Desconhecido

CONTA-GOTAS

Contra toda a Grã-Bretanha!

Fomos convidados a participar no grande festival da Grã-Bretanha promovido pelo governo britânico e que se realiza de Maio a Setembro de 1951, competindo-nos jogar contra os países da Comunidade, Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales.

A Comissão Administrativa da Federação, na situação de demissionária a longo prazo, resolveu aceitar em princípio o convite que, sem dúvida, representa uma honra para o futebol português.

Mas já pensamos no que representa a comparticipação num torneio desta natureza, decerto com mais alguns países e certamente de curta duração envolvendo desastios amiudadamente disputados? O que seria preciso para apresentar a selecção portuguesa nas melhores e mais dignas condições?

Lembremo-nos todos de que o Campeonato do Mundo se disputa

de aqui a seis meses, que há a oportunidade de lá estarmos no Brasil, e que só há dias foi nomeada a Comissão de Selecção. Se não dormimos de todo, estamos pelo menos na sonolência do acomodaticio.

Os acompanhantes...

Antigamente não era difícil, pelo menos, aos clubes de grande massa de adeptos, conseguirem flanges de apoio nas suas deslocações, organizando-se com frequência excursões de carácter clubista.

Os tempos mudaram, e talvez por que a Vida se torne cada vez mais difícil, as tentativas desta época para organizar excursões não têm sido coroadas de êxito, o que é manifestamente um sintoma.

Não acreditamos que o facto revele decréscimo de interesse pelo futebol, visto aumentar o número de associados nos clubes e registarem-se grandes assistências. As causas não são de ordem desportiva.

A Associação de Lisboa

reduzida a um papel passivo e quase morto!

EM tempos recuados, a Associação de Lisboa, como as das outras regiões, eram instituições pujantes, de grande actividade e prestígio, em cujas bases repousava toda a construção do futebol, regulamentos e campeonatos.

Mas com a evolução, e o desaparecimento das provas distritais a classificar, a actividade destes Organismos passou a ser secundária, a tal ponto que, em Lisboa, essa actividade bem podia ser integrada na Federação, como uma das suas secções ou coiza que o valha. A qualidade dos campeonatos lisboetas, embora numerosos, é assaz fraca, pois os principais clubes estão empenhados na Primeira e na Segunda Divisão federativa.

Quere dizer, quando a Associação olha para cima sente-se pruequina e como que envergonhada. Mas quando se vira para baixo e quer tomar qualquer medida que lhe interessa, também se sente impotente e sem forças para deliberar.

Um exemplo mostra que assim é. Ultimamente, a Associação recebeu três convites: para se deslocar ao Funchal no fim do ano; para jogar contra Santarém; e para disputar um encontro, com retribuição, nas Asturias. Tudo isto para o mês de Dezembro, mas se fosse para datas lá mais para diante — ainda peor...

Certamente, e pelo que sabemos, algumas destas propostas mereceram o interesse da Associação que, ao pretender acetiá-las, embarrou sempre com os impedimentos clubistas. Porque este clube tinha uma deslocação, porque est'outro já com desafio aprasado ou em perspectiva, porque todos no fundo tinham um compromisso e não estavam para se sacrificar pela sua Associação — primeiro nós e depois os outros, mesmo que estes sejam um pouco de nós próprios! — o certo é que tais iniciativas, uma delas, pelo menos, com proventos certos para cofre minguido, morreram à nascença.

Há ainda outro aspecto da questão. Os desafios com Associações estrangeiras dignificam e mantêm o prestígio de Lisboa, ou do seu Organismo representativo, tornando-o mais forte, ele, que está tão débil. Mas nada. A Associação de Lisboa olha para cima e nada vê, apela para baixo e ninguém lhe responde. Que Vida!

CORRE, QUE...

O Benfite passou em deslocação a Vila Real de Santo António de auto-motora, mas depois desistiu, por não lhe serem dadas as facilidades requeridas.

José Miguel, que jogava em Viseu, já foi transferido para a Académica, a qual aguarda ainda outras transferências.

A frente do futebol continuará por toda a época ou talvez mais a actual Comissão Administrativa da Federação.

A assembleia geral extraordinária do Belenenses não será convocada sem a Direcção ter elaborado o seu Relatório.

A batalha entre os dois «blecos» que há muito se defrontam no Belenenses vai ser dura e equilibrada na próxima assembleia geral.

Tão cedo não continuam as obras no campo de futebol do Estádio de Coimbra, e é pena — porque a cobertura nas bancadas faz muito falta!

Ainda nada está esclarecido sobre a regulamentação técnica da eliminatória Portugal-Espanha, mas vem aí os espanhóis e tudo se há-de esclarecer, por certo em seu favor — como é hábito.

O treinador Heleno Herrera, que já ocupou essas funções na equipa da França e actualmente se encontra no Atlético de Madrid, ofereceu-se ao Sporting.

Pensamentos

Há jogadores que, logo que têm qualquer coisinho, não querem jogar. Estes jogadores nunca se chamam Xico nem Virgílio.

Os jogadores com medo do choque são os que se magoam mais depressa. Mas enquanto magoados e não jogando, ao menos não têm medco.

O vento influe nas partidas de futebol, e é por isso que alguns grupos dispõem de jogadores que são cataventos.

Os clubes gostam de ter nos lugares do mando homens da sua cor, só para saberem se a ór com o uso desbota ou se mantem.

Os dirigentes passam uma vida insana de trabalho, mas gostam do sacrificio. Há gostos para tudo.



D. Maria Cruz Azevedo, a amazona mais premiada do ano

OS adeptos do desporto hípico puderam constatar, sem esforço, que o número de amazonas em pista foi este ano muito superior àquele que se registou em épocas transactas, consequência lógica de um mais forte entusiasmo e reflexo, incontestável, da actividade das nossas escolas civis de equitação.

Houve no meio feminino maior interesse pelas provas hípias, é certo, mas não deverá esquecer-se que as referidas escolas contribuíram muito para tornar possível a presença de numerosas senhoras nas nossas pistas de obstáculos, mercê da preparação ministrada às alunas, as quais, de um modo geral, se apresentaram correctamente a um cavalo demonstrando, além do desembaraço já habitual nas nossas amazonas, um grau de ensino bastante adiantado.

A presença em pista das gentis «euyères» foi fortemente apre-

HIPISMO

AS MAIS PREMIADAS AMAZONAS DO ANO

ciada pelo público que soube reconhecer-lhes qualidades, apreciar a sua desenvoltura e premiar a sua elegância e desembaraço.

O facto de serem muitas as concorrentes, entre as quais figuravam alguns valores muito aproximados, deu às lutas maior emoção, tornando difícil prognosticar resultados.

Ninguém desconhece a dificuldade das provas de amazonas nas quais estas, por não disporem de montadas próprias, se limitam a pedirlas emprestadas, particularidade que, na maioria dos casos, as levam a montar cavalos «de caras», isto é, sem os conhecerem. É difícil indicar, com clareza, quais as que mais fortemente evidenciaram o seu valor. Podemos, no entanto, colocar três em lugares mais destacados se atendermos aos resultados obtidos no decorrer da época.

Assim, indiquemos, antes de qualquer outra, D. Maria Cruz Azevedo que obteve com êxito os 1.ºs lugares nas provas «Dianas» do Concurso de Lisboa e «Parellhas Mistas» de Sintra e Cascais, estas últimas de colaboração com o tenente Manuel Cerqueira.

Podemos classificar a sua actuação como magnífica, visto que revelou em todas as provas, mesmo nas que não ganhou, uma elegância, uma correcção e um apuro a cavalo, dignos de nota. D. Maria Cruz Azevedo fez nos

lembrar uma outra amazona que, em anos anteriores, tornou notada a sua permanência nas nossas pistas.

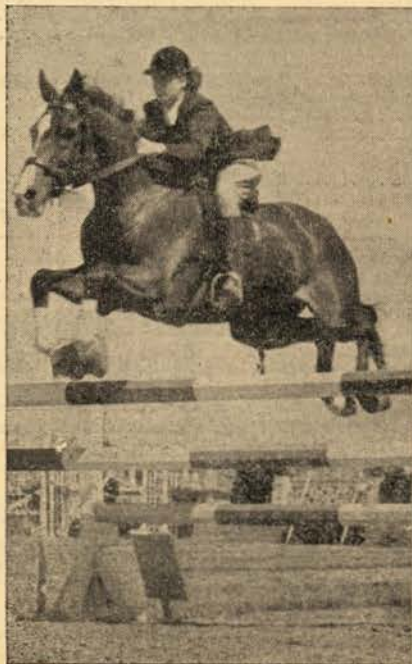
As que mais se aproximaram da amazona mais premiada da época, foram as duas senhoras que já no ano anterior mais se haviam salientado — D. Helena Correia de Sá (Assera) e D. Isabel Ribeiro Ferreira, cujas qualidades já vinham, portanto, demonstrando.

Nesta referência especial a estas três, não esqueçamos, todavia, a graciosidade de algumas outras, entre as quais julgamos imperioso dever referir D. Rosário Paiva Raposo, pequena mas correctíssima a cavalo, D. Ana de Mendia, D. Ana Maria Ribeiro Ferreira, D. Maria José Vilca e D. Ercília Gil que, demonstrando qualidades muito de apreciar, se fizeram aplaudir pelo público das tribunas e pelos frequentadores do peão.

Oxalá que o exemplo frutifique e que na época próxima o número de amazonas em pista, quando não seja superior, se mantenha, pelo menos, igual ao deste ano.

A permanência de senhoras nos nossos Concursos imprime-lhes um sabor muito especial e concede-lhes um grau de elegância a que já nos habituamos e que, se desaparecer, se tornará notado. A graciosidade feminina é já hoje imprescindível nas nossas pistas de obstáculos.

ANTAS TEIXEIRA



A' esquerda — D. Isabel Ribeiro Ferreira no «Ursus». A' direita — D. Helena Correia de Sá (Assera) no «Ribamar»

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31187 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

RESSURGIMENTO

A esgrima portuguesa é, provavelmente, a modalidade desportiva que possui mais seguras tradições internacionais e cuja classe melhor se afirmou em competição com os mais cotados valores estrangeiros.

Desde a vitória de Carlos Gonçalves nos Jogos Pershing em 1918, com as brilhantes classificações das nossas equipas de espadistas dos torneios olímpicos, onde chegámos a conquistar o direito a cabeça de série e até ao sétimo lugar de Henrique da Silveira nos Jogos de Berlim em 1936, a esgrima nacional conquistou triunfos e louros, alcançou fama e renome mundial.

De então para cá, porém, houve, sem que isso represente desprestígio, quebra acentuada dos valores individuais, evidenciada nos campeonatos do Mundo de 1947, disputados em Lisboa e, ainda, sensível diminuição de interesse pela prática do jogo das armas, escasseando os concursos e os concorrentes.

A Comissão Administrativa recentemente nomeada para dirigir a Federação de Esgrima, troçou o plano de uma intensa campanha de reacção, baseada na regular actividade de competições e no periódico contacto internacional, que por certo porá termo à letargia, consequente de circunstâncias especiais e constituirá estímulo bastante para o ressurgimento.

A Federação procura, com o seu esforço organizador, alcançar o aperfeiçoamento de forma dos esgrimistas consagrados e atrair novos elementos às salas de armas e centros de ensino; os torneios projectados não servem, portanto, apenas para treino e adestramento dos que a eles comparecem, mas por igual de factores de propaganda da modalidade junto do público ou dos possíveis adeptos.

Para que o segundo objectivo, a nosso ver o mais importante, seja atingido, é indispensável a colaboração dos praticantes, a sua presença constante, a sua vontade de transmitir aos eventuais sucessores, brilhante e poderoso, o facho glorioso que receberam dos campeões da geração precedente.



Uma das últimas sessões do Campeonato do Sul de Xadrez, que decorreu com enorme interesse, nas salas da Sociedade de Geografia. As três partidas estão a ser disputadas pelos seguintes pares: Marçal Rocha-Adelino Golharo, Vinagre-Carlos Pires, Vasco Santos-Francisco Lupi. Classificação geral: 1.º Marçal Rocha, 65 pontos; 2.º Francisco Lupi, 6 pontos; 3.º João de Mouro, 55 pontos; 4.º Carlos Pires, 5 pontos; 5.º Vasco Santos, 4,5 pontos

ATLETISMO

O SPORTING

venceu o encontro com o Barcelona com 22 pontos de vantagem

NUNCA, na história do atletismo português, um clube se arriscara a tomar parte num torneio da modalidade em época tão avançada do ano. As práticas atléticas, normalmente, cessam entre nós no começo de Agosto e todas as tentativas para prorrogar este termo prematuro, têm resultado inúteis.

O Sporting, porém, convidado pelo Barcelona F. C. para participar dos festejos comemorativos das suas Bodas de Ouro, aceitou a proposta e conseguiu que os seus atletas, estimulados pela agradável viagem, se mantivessem em forma prosseguindo cuidadosa preparação.

Os resultados foram excelentes e trouxeram para o desporto nacional uma expressiva vitória no estrangeiro, sempre agradável, mormente quando alcançada sobre uma colectividade de fama, embora de moderada categoria nos elementos de que dispõe.

Estas palavras, que visam apenas a colocar os factos no devido plano, sem exageros patrióticos, em nada atingem o brilhantismo do triunfo sportinguista, digno dos maiores em ómnios.

A chuva prejudicou bastante as provas da segunda jornada, o que não impediu que os atletas lusitanos se creditassem de algumas marcas boas para o nosso valor e melhorassem um recorde nacional, o da estafeta 4x400 metros, com 3 m. 29,4 s. (média de 52,35 s.), alicando Jorge Machado, João Luís, Artur Dias e Pena da Silva.

O torneio compreendia no seu programa 14 provas, das quais os portugueses ganharam 10, somando 75 p. contra 53 dos catalães.

Damos de seguida nota dos resultados:

100 metros — Abreu 11,8 s.; Maia 11,3 s.; Baldomé, 11,8 s.

200 metros — Abreu, 22,9 s.; Maia, 23,5 s.; Gimeno, 23,6 s.

400 metros — Artur Dias, 51,8 s.; Gimeno, 52,5 s.; Pena da Silva 54,8 s.; 10.º resultado da época.

800 metros — Rijo, 8 m. 53,4 s.; Abade; Filipe Luís, 9 m. 30 s.; Afonso Marques.

O belenense Joaquim Branco, que disputou esta corrida fora da classificação, terminou em 2.º lugar, com 9 m. 8 s.

1.500 metros — Rojo 15 m. 59 s.; Baldos, 16 m. 2 s.; Filipe, 16 m. 42,2 s.; Marques, 17 m. 17 s.

Os corredores de fundo foram o ponto fraco da representação leonina e apresentaram-se em péssima forma, como o demonstram os tempos indicados.

400 m. barreiras — Portolés, 58,9 s.; J. Carneira, 59,3 s.; João Luís, 61,4 s.

E' de destacar o tempo de Carneira, estreante da época e que pela primeira vez corria a distância; é a 3.ª marca da temporada.

Estafeta 4x200 metros — Sporting (Maia, João Luís, Machado e Abreu) 1 m. 32,6 s.; Barcelona, 1 m. 34,9 s.

Já indicamos o resultado da outra estafeta, de 4x400 metros, onde o Barcelona, vencido, gastou 3 m. 34,8 s.

Almas — Escalá, 1.º70; F. Ponce, 1.º70; Martinez e Alvaro Mendes, 1.º65.

Comprimento — Alvaro Dias, 6.º955; F. Ponce, 6.º61, sua melhor marca e 5.ª da época; Bal-lester, 6.º20.

Triplo — João Vieira, 13.º48; B. Hester, 12.º78; Moniz Pereira, 12.º63.

Peso — M. Silva, 12.º56; Ruivo, 11.º55 5.º resultado do ano; Sanchez, 11.º20.

Disco — M. Silva, 38.º49; Ruivo, 34.º09, 7.º resultado do ano; Mateo, 34.º01.

Dardo — Muralha, 49.º87; Ota-

VARELA MARQUES

tem a sua festa de homenagem amanhã, nas Salésias

Varela Marques é um homem e um atleta, e ainda um belenense da mais pura gema. A homenagem que lhe prestam é inteiramente merecida.

Homem modesto, não tem uma palavra má para si mesmo. Fala pouco, mas sabe dizer o que pensa na altura própria. Treinando os Júniores do Belenenses, sente à sua volta a simpatia dos dirigidos, que é a base de todo o êxito.

Quando jogava, era um modelo de correcção, e de luta, o que não excluiu desportivismo. E' este homem e este jogador, uma figura de desportista impecável, que o Belenenses vai homenagear.

Do programa constam dois encontros, Belenenses-Atlético e Oriental-Almada, qualquer deles um atractivo. De resto, acima das manifestações de futebol deve psair lá no clima, muito ao alto, a figura de aquele que surgiu e desapareceu belenense, como jogador, e ainda hoje se impõe pelos serviços que presta e pela forma como se comporta.



CAMPEONATO DE FUTEBOL DA F. N. A. T. (2.ª Categoria)

Série A	
Fábrica de Louça Sacavém...	4 — Companhia Carris..... 2
E. G. Transportes.....	0 — C. E. L. 6
Cx.ª Ind. Hotelaria.....	1 — Omex 9
Amidex.....	5 — Soc. Portuguesa S guros.... 2
Série B	
Sadrel.....	0 — Banco Nacional Ultramarino.. 3
Junta A. Estradas.....	4 — Cx.ª Missas Alimentícias..... 0
Caixa Industrial Pasticificação.. (*)	— Papelaria Fernandes.....
Série C	
Contraplacado S-vero.....	1 — C. Santos, Limitada..... 0
Caixa P. H. Sionais Comércio.	1 — Cons. Teen. Corporativo 2
Standard Eléctrica.....	1 — Comp. Col. Navegação..... 3
M. vejeis Oleio.....	5 — Sind. Nac. Cartonageiro..... 1
Série D	
Banco F. S. & Viana.....	0 — Transportes Automóveis 3
Gomes & Rodrigues.....	10 — Junta Nacional Cortiça..... 0
Atlantia.....	1 — Amadeu Gaudêncio 2
A. Pessoa, Limitada..... (*)	— Aeronáutica Civil.....

(*) — Desistiram: a Caixa Pasticificação e A. Pessoa, Ltd.ª.

O campeonato de 1.ª categoria começa no próximo domingo.

vi. Olveira, 45.º64; Martin, 45.º01.

Do conjunto de marcas ressalta a proeza de Alvaro Dias, certificado da sua extraordinária classe, pois apesar de viver na Figueira da Foz, sem possibilidades de treino metódico, jogando futebol no campeonato da 2.ª Divisão, alcançou perto de sete metros. Se puder ser trabalhado convenientemente, teremos nele o nosso melhor representante para os campeonatos da Europa em 1950.

Muito agradável ainda a confirmação de Jorge Abreu, futuro campeão de 200-400 metros; a revelação de Carneira nas barreiras e o progresso de Ponce no salto em comprimento. Não esqueçamos que são três produtos do ano.

SALAZAR CARREIRA

Tenente-coronel António Ribeiro dos Reis

Foi promovido a tenente-coronel o nosso prezado camarada e amigo António Ribeiro dos Reis que, no meio desportivo, ocupa um posto de primeira grandeza, inteiramente merecido pelas suas qualidades de carácter e inteligência, e ainda pelo poder sugestivo das suas crónicas e artigos, que o afirmam um jornalista e técnico de excepcional competência. De aqui lhe damos os parabens, desejando-lhe as maiores venturas.



O automobilista José Cabral, à direita, vencedor absoluto da prova à chegada a Lisboa



Harry Rugeroni, à esquerda, vencedor da classe D

A VOLTA A PORTUGAL do «Clube 100 à Hora» foi ganha por José Cabral



D. Laura de Mogalhães, que fez uma prova brilhante



Pedro T. les e Lopes da Silva, os vencedores da classe A



Martinho Lacasta e Jorge Seixas que, seguindo à frente até Faro, obtiveram o 4.º lugar da classificação geral



Joaquim Filipe Nogueira, à direita, vencedor da classe C, e 2.º da classificação geral

TERMINOU no último domingo a Volta a Portugal em automóvel, notável e triunfante iniciativa do Clube dos 100 à Hora, que o «nossos prezados colegas» «Diário de Lisboa» e «O Século» patrocinaram.

A árdua competição reuniu sessenta concorrentes, dos quais, por vários motivos, desistiram ou foram desqualificados dezassete, percentagem mínima, atendendo às asperezas da corrida, que arrazou os nervos e pôs à prova a qualidade dos carros.

Rodeou a competição um simpático ambiente de disciplina, confiança, com ódio e cavalheirismo. Afinal, ambiente próprio de praticantes de um desporto considerado de elite.

Todavia, a Volta atingiu em cheio um objectivo que muita gente reputara de inacessível: a conquista de um interesse de fundas características populares. No Minho, em Trás-os-Montes, nas Beiras, no Alentejo, no Ribatejo e na Estremadura o povo foi assalado por verdadeira vaga de entusiasmo, que simultaneamente surpreendeu e emocionou os concorrentes e seus acompanhantes.

Principais obstáculos que se depararam aos «devidores de distância»: a chuva, a lama, o frio, o nevoeiro e o mau piso de algumas estradas.

Nas provas complementares tiveram eles que demonstrar as suas faculdades de «volantes» e a qualidade de seus carros. Nas de regularidade, quase sempre realizadas durante a noite, deram cabais provas de resistência.

Dois novos — José Cabral e Joaquim Filipe Nogueira, um portuense e um lisboeta — apossaram-se dos dois primeiros lugares da classificação geral. Trata-se de volantes que se caracterizam pelo método e regularidade que põem na execução das suas provas.

Outro excelente automobilista portuense, Alvaro Arnaud, classificou-se em 3.º lugar. Martinho Lacasta, que chegou a gozar de favoritismo, fixou-se no 4.º posto, ao passo que o 5.º pendeu para Harry Rugeroni.

Também despertou invejosa interesse a luta por classes. Na A — Pedro Teles e Lopes da Silva, vencedor, classificando-se José Almeida Garrido e José Costa Oliveira nos lugares de honra. Na B, o triunfo inclinou-se para o conceituado volante João Ortigão Ramo. Manuel Marçalo Mendonça Júnior, Manuel Gimenez, Fernando Stoke e Joaquim Rios de Oliveira, classificaram-se a seguir, pela ordem Na C — a vitória sorriu a Joaquim Filipe Nogueira. João Baptista ficou em 2.º lugar; Carlos Alberto Borba Baets, em 3.º; Abílio Correia Dias, em 4.º; e Rui Gonçalves, em 5.º. Na D — Harry Rugeroni apoderou-se do primeiro posto, seguido de João Bazarro Soares, João Ferrelira da Silva, Manuel Santos Pinto e Luís Filipe Aguiar. Na E — vitória de José Cabral, tendo-se, pela ordem, classificado nos lugares imediatos: Alvaro Arnaud, Martinho Lacasta, António Martins Portela e Fernando Alberto Pereira.

D. Laura de Magalhães, valorosa e gentil desportista portuense, foi a única se-hora que chegou ao termo da difícil caminhada. Em toda a parte, o povo a saudou com entusiasmo. Bem merecida consagração!

Foram estas as principais classificações da Volta de 1949 — uma trabalho hercúleo e notável organização dos «100 à Hora», que pôs toda a gente de acordo no que respeita ao êxito da iniciativa, até os que manifestaram, por várias formas, o seu cepticismo ou, o que é pior, o seu despeito... ou descrença!

AS NOSSAS CARICATURAS



Angelo Ferreira de Carvalho, de 24 anos, natural de Santa Cruz (Coimbra) é um valor do Jogo, alinhando actualmente a médio, e revelando excepcionais qualidades de colocação, energia e gana. Carvalho começou a jogar no Salgueiros, na época de 1941-42, passando depois para o Porto na época seguinte, uma só temporada, para em seguida se ligar definitivamente ao Campeão do Norte. O rapaz tem grandes qualidades de energia e mobilidade, destacando-se singularmente ao ponto de ser considerado seleccionável. O caricaturista algarvio, Adriano, não perdeu, neste seu valioso trabalho, nenhum dos seus traços característicos que, fundamentalmente, definem o homem e o jogador

Curiosidades...

Um distinto colega portuense entrevistou Barrigana. Entrevista muito bem feita, aprimorada, cheia de conceitos tirados sem fantasias de qualquer espécie, realidades puras, honestas, tudo desfilou no belo artigo que tivemos a ventura de ler.

Parece-nos, entretanto, que há uma referência desprimorosa à nossa Revista. Do famoso guarda-redes? Do autor illustre, a quem nunca fizemos mal algum? Gostariamos de saber...

Entretanto, conhecendo a amizade que há entre nós e Alves Teixeira, director do considerado bi-semanário onde Barrigana, em realidade ou aparentemente, se permitiu beliscar o nosso jornalismo, — calculem! — estranhemos lealmente que a palavra *semanário* substitua aquela que de justiça conquistámos há muitos anos. Se foi para «ofender», não lhe achamos graça.

Com o famoso guarda-redes, a conversa é outra. Aceitamos as suas palavras corrosivas, pala-

Stadium

na capital do Norte

Sob a direcção de RODRIGUES TELES

Eduardo Vital

TEMOS feito o possível por não falar no caso do jogador Eduardo Vital. Não nos tem interessado a questão e o desenvolvimento da questão entre o jogador e o Atlético, ou entre o Atlético e o F. C. do Porto, embora tenha o autor deste artigo a certeza de que não havia razão para tanto barulho. Reolvidemos agora, porém, abordar o problema, e isto porque tal é exigido pela falta de jogadores, não propriamente no Futebol Clube do Porto — mas no futebol nacional.

Lemos há dias, no nosso prezado colega *A Bola*, pela pena de Carlos Correia, que faltam actualmente jogadores de boa categoria; e fala-se a certa altura de Fernando Caiado e de Serafim, e também de nomes que nada seriam no futebol se clubes de primeiro plano os não descobrissem e guindassem para o palco de primeira categoria.

Inteiramente de acordo. No entanto, a mira de encontrar jogadores capazes de bem substituir os que vão desaparecendo não tem preocupado também as entidades dirigentes. O jogador Vital, que era promessa, foi castigado com violência, pois as culpas não lhe pertenciam totalmente, mas depois disso nunca mais quis saber-se dele para nada. Poderia muito bem ser uma unidade valerosa a menos — que isso pouco ou nada importava aos zeladores da nossa classe futebolística.

Ora, salvo melhor opinião, mesmo sem prejuízo da disciplina, julgamos que os dirigentes devem fazer o possível por não ignorar a existência dos nossos melhores valores, mesmo que isso os leve à transigência. Vital, por exemplo, está a 3 meses de um castigo áspero, um castigo que bem o pode ter liquidado como jogador. A falta de bons elementos está sendo notável, pois apontam-se ausências como as de Peyroteo, Araújo e outros, e não nos parece, sincera e imparcialmente, que constituísse violência a suspensão do castigo há 9 meses aplicado ao avançado-centro do F. C. do Porto.

Desagradaria essa decisão a este ou aquele? Possivelmente. Mas pode o caso importar se for acutelada, na medida do possível, a disciplina? Se pelo menos surgir mais um jogador de categoria — quando a falta deles é considerável?

Pode muito boa gente supor que defendemos o levantamento do castigo por se tratar de um homem do F. C. do Porto. Mas não é assim. Julgamos, antes de mais nada, que Eduardo Vital não mereceu tanto rigor. Que muitos culpados giraram à sua volta, perturbando-o demasiadamente. Depois disso, parece-nos que tudo deve fazer-se no sentido de não eliminar as nossas melhores pedras.

Temos por exemplo a impressão de que o próprio «caso» Araújo deveria ser revisto. Por quem? Só pelo F. C. do Porto? Mas porque não também pela Federação de Futebol? Acha o leitor que haveria no caso alguma violência, alguma demonstração de parcialidade?

Não, com certeza. Araújo, segundo se diz, pouco tem olhado pela sua saúde. Pois a Federação, tratando-se de um grande valor do nosso futebol, poderia forçá-lo a isso, desde que médicos autorizados lhe encontrassem solução.

Embora tal não pareça, os jogadores não pertencem só aos clubes. As Associações, a Federação, podem lançar para eles o seu olhar misericordioso, conduzindo as coisas pelo melhor caminho — o caminho que engrandeça o futebol português.

Faltam jogadores, é dolorosamente verdade. Mas nada se faz para os adquirir, para lhe melhorar a preparação, e até para se lhes demonstrar que também se perdoa com o propósito de os trazer para a calha do bom senso.

bras de quem não precisa da gente para nada. Pois antes assim. Passe por lá muito bem, no Porto ou onde quiser — porque os homens passam e os clubes ficam, como diz autorizadamente no resto da sua entrevista. E ponto final!

♦ O sr. ministro das Obras Públicas, não pôde aceitar o convite para estar presente no dia 1 de Dezembro nesta cidade, a fim de assistir ao lançamento da primeira pedra no futuro Estádio das Antas. Assim, a cerimónia teve de transferir-se para o dia 4

do mesmo mês. Não lhe faltará, entretanto, o ambiente festivo, embora o Porto jogue nesse dia em Brage.

♦ É arranjada a afirmação de que Vital, Araújo e Barrigana, jogam contra o Salgueiros no dia 1 de Dezembro.

♦ Comenta-se mais uma vez a inclusão de Vergílio no jogo de Olhão. O caso não é para menos, pois todos sabem que o defensor *portista* não tem estado em condições de comparecer em campo.

ANDEBOL BARULHENTO

ASSISTIMOS há poucos dias, no campo do Luso a um desafio de andebol, entre as equipas do F. C. do Porto e do Ferroviários. De um lado, o campeão de Portugal; do outro, rival da terra, vencedor algumas vezes da teimosa resistência que os titulares máximos têm sabido criar em volta do seu prestigiado nome.

O jogo, qualquer resultado que tivesse, não colocava o Porto em apuros. Seria de qualquer maneira o vencedor do torneio. Porém, as equipas forçaram-nos a assistir, por certo em companhia de dirigentes responsáveis, a uma série de demandos que um árbitro pacato não quis reprimir devidamente. A nossa surpresa foi muito grande.

Não assistimos há anos a um jogo de andebol no Porto. A modalidade, que é bonita sendo bem jogada, interessou-nos sempre e tanto que dirigimos e fundámos, com outros desportistas, a sua Federação. Mas, depois de assistirmos a este Porto-Ferroviários, sentimos em nós a tristeza própria de quem zelou a vida de um curioso desporto e assiste agora ao espectáculo de o ver achincalhado por meia dúzia de maus elementos.

Deixámos voluntariamente o cargo federativo. Foi a primeira vez, porém, que lamentamos não ter em nossas mãos o direito de mandar. Temos pelo menos a certeza de que muitas atitudes vistas no Luso seriam apreciadas e submetidas a um julgamento severo.

Assim, o andebol pode estar irremediavelmente condenado como espectáculo desportivo. Se os árbitros não quiserem ver, por exemplo, o gesto incorrecto do jogador que após uns minutos de castigo, fora do campo, regressa de mãos no ar entrelaçadas em sinal de agradecimento (?) aos doentes do publico, também culpado, ou à decisão do juiz de campo; se continuarem a fazer vista grossa a uma série de piceardias entre jogadores, e ainda de «ligações» entre o público e o atleta indelicado — poderá assistir-se a um desmoronamento que o andebol não merece.

Em Lisboa, com justiça o dizemos, seria impossível assistir-se a um espectáculo de tal qualidade. A presença do Inspector das Desportos, dr. Salazar Correia, travava com certeza todos os nervos do jogador, e por isso mesmo nos impressionou o espectáculo vergonhoso a que assistimos no campo do Luso.

Dizem-nos que um jogo Porto-Ferroviários decorria normalmente deste modo. Apontaram-nos, mesmo, os elementos que costumam acender o rastilho. Deste modo, existe benevolência provada. Pior ainda!

Custódio Marques Coelho

o hábil dianteiro do Vitória de Guimarães, concedeu-nos a primeira entrevista

DESEJOSOS por dar a conhecer aos milhares de aficionados da bola, dispersos pelo vasto território português, notas biográficas e opiniões de novos jogadores de futebol, continuamos a nossa campanha, tornando mais lato o nosso campo de acção.

Asim, figura hoje nesta Serção um atleta do Vitória Sport Clube (de Guimarães), o popular e prestigioso clube que já chamou a si, por direito próprio, as atenções do público, mercê do trabalho desenvolvido e do valor revelado pela sua principal turma, componente do Campeonato Nacional da I Divisão.

Continuando na senda progressiva que encetou, este popular clube tem em vista cometimentos de maior vulto, aos quais os seus activos e dinâmicos dirigentes consagram o melhor do seu esforço e dedicação.

O atleta vimaranense escolhido não é daqueles que gozam já da popularidade geral, não pertence ao número dos que são conhecidos nos quatro cantos do país, é certo, mas também não é um desconhecido, não é um nome que surgiu de súbito por ter ingressado em agremiações de créditos firmados.

Custódio Marques Coelho, um rapaz que nasceu em 15 de Julho de 1923, no Montijo, é um praticante que já se viu citado nas críticas como elemento de futuro e se distinguiu de maneira acentuada, a interior-esquerda, quando representou o extinto «Onze Unidos do Montijo».

O jeito e intuição revelados bem cedo, modificaram-se para melhor, tornando-o um jogador consciente e hábil, de uma rapidez e mobilidade desconcertante, apesar do seu pouco físico. Podemos incluí-lo na categoria dos «habituados».

A troca de impressões havida, na presença do director sr. António dos Santos Simões, não se revestiu daquela costumada exuberância e espontaneidade, tão próprias da gente que pratica desporto, porque ainda pairava no espirito do nosso interlocutor o choque moral que lhe produziu o desastre de automó-

Tinha um jeito especial para movimentar o ataque. Além disso, Rendas desfrutava de uma personalidade que não é frequente em jogadores de futebol: — a de se adaptar com facilidade e ser o mesmo bom jogador em qualquer lugar do *team*. O Vitória fica-lhe devendo tardes magníficas, e triunfos de que ele foi o obreiro.

Tinha 16 anos quando começou a dar pontapés. Quase logo no início da sua carreira ingressou no Vitória rapidamente ascendendo ao grupo de honra. E nunca mais de lá saiu. Não houve proposta tentadora, ou oferecimento lucrativo que o arrancasse ao Vitória. Conviveu com os grandes do futebol setubalense, jogou ao lado de Aníbal José, de Armando Martins, de João dos Santos, de João Cruz. Conquistou valor e simpatias. A sua vida desportiva foi rodeada de lealdade e correcção prestigiada neste aspecto, admiravelmente, a camisola que envergou. O Benfica associou-se à homenagem, enviando a Setúbal as suas categorias de honra e juniores para disputa de duas taças com o nome dos filhos do homenageado, em partidas contra o Vitória de Setúbal. Aníbal Rendas vai dar os últimos pontapés — com saudades dos primeiros quando ele tinha 16 anos. E' assim a vida!



Aníbal Rendas, que amanhã se despede do futebol, no campo dos Arcos, em desfilamento contra o Benfica

16 anos no Vitória de Setúbal ANÍBAL RENDAS abandona o futebol

após uma vida de praticante sem mácula

ESTE fim de ano está a ser assinalado por uma série de festas de homenagem a jogadores que traduzem igualmente o seu afastamento dos campos de jogo. São aliás nomes que o público decorou, figuras que marcaram a sua posição no futebol, conquistando sem esforço a simpatia e o louvor de quantos acompanham a vida desportiva.

Peyroteo abriu a série. Seguem-se agora Aníbal Rendas, Varela Marques, Espírito Santo e Azevedo.

Rendas é uma dedicação do Vitória, anos consecutivos sempre ao de cima, em plano de destaque no seu *team*, e um exemplo constante de como é proveitoso e necessário um desportista entregar-se sinceramente ao clube que escolheu para satisfação e prazer dos seus anseios desportivos.

A vida desportiva, no que toca a provas oficiais, de Aníbal Rendas, acaba amanhã, no decorrer de uma festa de desporto. A festa é organizada na sua terra, em Setúbal, no ambiente em que o jogador tem vivido.

Rendas, do Vitória de Setúbal, leva consigo 16 anos de actividade desportiva e a consciência tranquila quanto ao cumprimento dos seus deveres como jogador de futebol e como elemento dedicado ao seu clube e à valorização do futebol na sua terra. O seu nome ficará dignamente ao lado de tantos que têm feito brilhar o futebol setubalense.

— Retiro-me na hora própria, sem ter aborrecido ninguém. Não há velhice nos jogadores de futebol; mas sim o natural cansaço de jogar à bola — é também uma sua opinião.

Rendas não foi daqueles jogadores de exhibições estrondosas, de lances a dar nas vistas, mas foi sempre um jogador equilibrado, certo, firme na sua habilidade. Verdadeiramente — um precioso orientador da linha avançada.



Custódio, do Vitória de Guimarães

vel ocorrido para aquém de Coimbra. De resto, um e outro e, ainda o António Ferreira, acusavam as contusões sofridas, flicamente, e os outros elementos da caravana, denotavam claro acabrunhamento.

Apesar do ambiente desfavorável a uma série de perguntas e respostas, fiéis ao nosso propósito, insistimos com habilidade e subemoos o que se segue.

Custódio, depois daqueles variadíssimos anos de iniciações com bolas de recurso e campos ocasionais (para o efeito tudo serviu), ingressou aos 16 anos nas reservas do «Onze Unidos do Montijo», tendo feito parte desta turma durante duas épocas. Depois a fixação na equipa de honra e o reconhecimento do seu valor, até ao final da temporada de 1947-48, altura em que abandonou o clube, que também se fusionou e adoptou o nome de Clube Desportivo do Montijo.

Antes de ir de longada até ao berço da nacionalidade, foi experimentado no campo dos Arcos, com vista a reforçar a equipa do outro Vitória (este de Setúbal), mas as negociações não chegaram a bom termo, porque o seu clube não lhe deu a carta de desobrigação. Simpatizava com os sadinos e ficaria perto de casa... mas não tinha que ser.

A quando de uma deslocação a Braga, para jogar contra o Sporting local (que não é filial do Sporting Clube de Portugal como se supõe), a sua desenvoltura na equipa montijense chamou a atenção dos directores do Vitória de Guimarães que viram nele um elemento à altura de satisfazer as necessidades da sua turma.

Encetadas as diligências, com o concurso do treinador Alfredo Valadas, o popular internacional do passado, tudo se resolveu pelo melhor e, desta vez, foi certa a troca da camisola.

Custódio, na época de 1948-49, alinhou pela primeira vez na equipa de Guimarães, contra o Estoril Praia, no campo da Amora, tendo assinalado a sua estreia com a marcação de 3 golos.

Para estreia, não foi nada mau... De então para cá, já o extremo-esquerdo tem revelado boa presença nos relés, cotando-se, sem favor, como um óptimo elemento do grupo pouco abundante dos *novos*. Tem à sua frente um futuro risonho se quiser trabalhar... Este rapaz pode ir longe, se não descurar a preparação, se seguir os conselhos que lhe dão e não se envasicear... dizem os entendidos.

PITTA CASTELEJO

(Continua na página 12)

Sporting, 4-Atlético, 0



Morais tenta interceptar a bola por alto, que vem da direita, ao passo que Varques parece estar em desequilíbrio... Por sua vez, Lopes não se despega de Wilson — para o que der e vier!



Correia livra-se de Jesus Correia! Os atléticos defendem-se com energia, mas os adversários insistem...



Em frente de Jesus Correia e Wilson há, pelo menos, três jogadores do Atlético que não consentem o remate à vontade. Neste lance triunfa Correia!



Wilson pretendia fazer um remate de golo, tendo na sua frente Correia, mas Baptista pôs-lhe uma perna adiante e não o consentiu, lixando a sua equipa, presumivelmente, de mais uma bola



Estoril, 1-Belenenses, 2

AO LADO — de cima para baixo — Esta imagem dá a impressão de Sebastião ter sido tido por Sidónio; mas isto é ainda um obstáculo e parece colocado de maneira a afastar o golo, se necessário! Os homens da defesa do Estoril pretendem corruina avançada, mas o piapé já foi desferido. EM CIMA — Sidónio, efectivamente, não inutil, vendo Sebastião fazer a defesa feita e bola bem segura



Porto, 5-Covilhã, 1

AO LADO — de cima para baixo — Monteiro da Costa consegue elevar-se muito bem e tirar ao guarda-redes a possibilidade de intervir, mas depois remota para fora. Orlando, da Covilhã, defende, protegido por um 4.ª defesas ante a ameaça de José Maria. EM BAIXO — Riqui, defesa da Covilhã, fica surpreendido com a entrada de Visira, que centra de cabeça



JORNADA DE BOM JOGO

GIRA a roda e o campeonato avança, dando-nos perspectivas que se mantêm e planos ignorados. O jogo em um campo anula a superioridade do adversário, não admirando que as vitórias de hoje sejam os títulos de amanhã. Verdade seja, cada vez tem mais razão de ser a teoria que dá grande vantagem aos que jogam em casa, tornando inferiores os visitantes. Cinco dos visitados ganharam, e dois perderam, mas deve atender-se a que em destes encontros se tratava entre clubes da mesma região, o que diminui a regra da excepção.

Pelas informações que é possível colher, temos a impressão de que o nível do futebol subiu na 8.ª jornada, dando-nos manifestações muito agradáveis, predominando a leveza e energia, mas em que se nota uma nítida preocupação de futebol de conjunto.

Uma feama, como sempre sucede, foram mais afortunados do que outros, e, nestas condições deve colocar-se o Benfica, que teve uma penalidade que lhe deu o triunfo, o grupo da Setúbal que arrancou uma vitória a ferros, e o Belenenses, defendendo estranhamente a diferença de uma bola ante um adversário aguçado e sabendo do jogo.

Apesar de tudo, a visão da Tabela não se modificou profundamente posto que há ajustes a fazer. Parece que estamos na mesma. Seguem três clubes à frente e ficaram edmente dois, Sporting e Benfica, os velhos e históricos rivais, por virtude da Associação Académica ter sofrido a sua primeira derrota no torneio em Guimarães, — ninguém dá a desta água não beber! — campo onde todos podem resvalar.

Temos a seguir a subida do Porto, com triunfo que não deixa dúvidas, e a sensível melhoria do Belenenses, cuja recuperação é evidente, em 5.º lugar, na companhia em pontos de campeão do Norte.

Setúbal marcha isolado, numa boa posição, revelando entusiasmo, e Braga comanda um lote de quatro clubes com 7 pontos. A respeito dos bragueses, cuja equipa dá nas vistas, temos a obrigação de afirmar que o seu team constitui um dos atractivos da prova. Há agora a certeza de que o grupo sul de Braga e não está de anteação condenado à derrota. Cota de importância!

Elvas e Guimarães, apesar de aquele estar um degrau acima, melhoraram sensivelmente. O Lusitano é aquele que continua em peor situação, e, se os ventos continuarem a soprar de mesma feição, o clube será um dos dois regularmente condenados à morte. Continuamos a acreditar que a decisão definitiva da esquerda automática de dois concorrentes não vá por diante, mas a verdade é que a resolução se mantém, e os dirigentes de agora, aliás, sem o beneplácito de quase todas as Associações, não parecem dispostos a mudar de rumo.

A vitória do Elvas foi mais fácil que os números indicam. 4-1 à primeira parte, e o 5.º golo algarvio obtido no fim... Na Constituição, o problema não ofereceu dúvidas. O Porto é uma equipa estranha, soberana no seu domfalo, inferior na casa dos outros. Em Setúbal, a luta atlogica foros de indecisão. A Académica foi perder a Guimarães, mas lutou do principio ao fim: — succedeu-lhe o final o que poderá acontecer a qualquer equipa. Benfica passou um trecho tormentoso, ao ver duas bolas nas suas balizas. Teve grandeza a sua reacção, que talvez se chame mais classe, traduzida em domínio. A sua vitória não é um acto de injustiça. O Belenenses aproveitou as condições do encontro para vencer e após defender-se, conquistando dois pontos que influem na moral da equipa. Sporting ganhou por 4-0, mas a tradução do encontro não está nesse desígnio mas numa marca muito superior, talvez intraduzível: foi, em suma, um onze de excelente classe em luta com um adversário que dificilmente lhe opôs resistência. Marcaram-se na 8.ª jornada 33 bolas, à média de 4,6 por desafio, o que não é nada mau. — T. S.

A VIDA de Fernando PEYROTEO

FAMOSO JOGADOR DE FUTEBOL

Escrita por Jitta Casteljo

(Conclusão)

X

Vivemos uma viagem maravilhosa, de recordações agradáveis!

Comungamos com o Fernando Peyroteo, no mesmo deleite espiritual, relembrando factos, registando opiniões, revivendo momentos emotivos que deixam pela vida fora, um raio luminoso que jamais se extinguirá!

A força hercúlea do desporto na movimentação de grandes massas humanas, as virtudes excelsas dos praticantes puros em demonstrações eloquentes de sincera e enraizada camaradagem, a exteriorização pujante das grandes alegrias, o acabrunhamento resultante de amargas e negras tristezas, o acrisolado amor pátrio em território estrangeiro e alheio, a nostalgia do nosso meio quando em digressão ou acção no estrangeiro e a conjugação de esforços para prestigiar a camisola que se enverga, seja de clube ou da Nação, perpassaram em imagens nítidas, num desbobinar cadenciado para que nada perdessem do viço e beleza que as revestem!

Por tudo quanto nos foi dado saber, pelas múltiplas pugnas em que participou, pelo brilho imenso da sua longa carreira, pela elevação, espírito de sacrifício e exemplar comportamento que assinalaram as suas exibições e, ainda, pela firmeza de carácter e procedimento rectilíneo, bem merece da gratidão, respeito e apreço de todos os bons desportistas, este extraordinário desportista!

De bem com a nossa consciência, vamos de forma sucinta, mas justa por devida, realçar os méritos deste atleta, sob o aspecto moral, que sobrepõem os seus feitos valiosos nos terreiros desportivos.

Bem cedo se revelou, Fernando Peyroteo, possuidor de vontade própria, de qualidades primorosas, que com o viço dos anos mais se vinularam e o impuseram, sem esforço, à consideração e respeito de todos aqueles com quem tratava e de forma especial, aos próprios camaradas da turma, que lhe reconheciam personalidade e firmeza de convicção, orientando os seus actos, muitas vezes, pela conduta seguida por ele. Esta revelação, por significativa, retrata o homem e o atleta, dispensando comentários.

Como homem, longe das pugnas, Fernando foi e é aquele rapaz irradiante de simpatia, culto, bom conversador, apurado e distinto no porte, que dá gosto contar no número dos nossos amigos.

Como jogador de futebol, foi o mais extraordinário marcador de golos de todos os tempos e o avarçado-centro que mais se celebrou pela sua forma de actuar, pessoalmente característica, a qual se tornou o maior pesadelo dos defesas e guarda-redes adversários.

«A melhor lâmina do futebol português» — como o classificou o nosso querido camarada dr. Tavares da Silva, foi ainda, grande impulsor da tática do W M em Portugal, visto que a sua fozosidade e forma viril de se opor ao esférico, o seu poder de infiltração, a pujança de mobilidade e a relativa facilidade com que se desembarçava dos adversários, só poderiam ser neutralizadas com uma marcação cerrada.

Mas essa honra lhe cabe!

De uma lealdade a toda a prova, possuidor de um auto-domínio profundo, vibrante, entusiástico, lutador esforçado, rematador



Peyroteo é o primeiro a entrar no campo de Basileia para defender, mais uma vez, o futebol do País tão brilhantemente representado por ele, em vinte encontros internacionais

sem igual até hoje, o jogador de pontapé terrível, abandonou as lides de bem com a sua consciência, pela forma elevada e pela isenção e pureza de processos com que revestiu a sua luminosa passagem, durante 13 longos anos, pelo âmbito desportivo nacional!

Para que todos saibam e para que a sua vida futebolística constitua um incentivo e um exemplo para essa pliedade de rapazes que ora iniciam o percurso pela alcançada e difícil estrada do desporto, vamos citar, com números, algumas das suas melhores proezas, a atestar a regularidade provinda de uma cuidadosa preparação e de um regime consciencioso, que infelizmente, não são — como se impunha que fosse, apanágio de todos os praticantes desportivos.

Eis alguns dados estatísticos (não inclui todos os jogos):

1937-1938 — No torneio triangular, teve 3 participações e marcou 4 golos; no Campeonato de Lisboa, após os 10 jogos, classificou-se em 2.º lugar na lista dos marcadores, com 12 golos; no campeonato da 1.ª Liga, foi o melhor marcador com 34 tentos e o único com 5 golos num desafio (6-3-48, con-

tra o Académico no Lumiar e 17-4-38, contra o Carcavelinhos). No Campeonato de Portugal, atirou 11 vezes pela certa, sendo o melhor marcador e foi também o melhor em um só desafio pois meteu 6 bolas ao Marinhense, na Marinha Grande, em 15-5-38. Total de bolas marcadas: 66, o máximo que se conseguiu nessa temporada, por intermédio de um único jogador.

1938-1939 — Foi o melhor marcador do Torneio de Preparação da A. F. L.; do Campeonato de Lisboa, do Torneio da Taça Natal e Ano Novo e da época, com um total de 61 golos, em 33 desafios. Por cinco vezes — em um só desafio — marcou 4 golos (contra o Belenenses, Casa Pia, Unido, Belenenses e Seleção de Senilha) e 5 contra o Casa Pia no jogo de 4-12-38.

1939-1940 — Novamente se classificou como o melhor rematador da temporada, elevando o número de golos obtidos para 75, assim distribuídos: Torneio de Preparação da A. F. L., 4; Campeonato de Lisboa, 16; Torneio do Natal, 3; Taça Porto-Sporting, 5; Seleção de Lisboa, 8; Seleção Nacional, 2; Campeonato Nacional, 29; e Taça de Portugal, 8.

A melhor tarde: 7-1-940, nas Salésias, com 8 golos metidos nas balizas da Seleção do Porto.

1940-1941 — Continuou a ser o melhor marcador da época e do Campeonato Nacional e da Seleção de Lisboa, com 52 golos em 28 jogos que realizou, visto não ter participado no último desafio do Campeonato de Lisboa.

Em 15-12-40, marcou 6 golos à Seleção do Porto e outros tantos à Académica em 9-3-41 e 5 ao Boavista em 30-3-41, para cilarmos apenas, marcos elevados.

1941-1942 — Nesta temporada, marcou 65 tentos em 31 encontros! Foi o primeiro em todos os campeonatos e o vencedor absoluto da época (como já era hábito). Bateu o seu máximo em um só desafio, metendo 9 bolas ao Leça no dia 22-1-42. Ao Fostros, em 19-10-41, 6 e ao Vitória de Guimarães, 5 consecutivas, na 2.ª parte da pugna travada no Lumiar em 8-1-42.

1942-1943 — Participou em 35 jogos e marcou 42 tentos! Foi o 2.º marcador no Campeonato Nacional e o 1.º no de Lisboa. O máximo atingido num encontro foram 4 bolas, contra o Unidos.

1943-1944 — 36 jogos, 54 golos! Em jogos particulares, 10; no Campeonato de Lisboa, 11; no Nacional, 23 (2.º classificado); pela Seleção de Lisboa, 7; T.ç. Portugal, 1; Taça Império, 2. Em 24-5-44, num jogo em Almada, contra um mixto, obteve 6 tentos e contra o Salgueiros, no Leça, 4 em 27-2-44.

1944-1945 — Nesta temporada, rematou 47 vezes a contar. Ao Salgueiros e à Oliveirense, marcou 4 golos num só jogo, em 25-2-45 e 3-6-45.

1945-1946 — Marcou 37 golos no Campeonato Nacional, 11 no de Lisboa, 8 na Taça Portugal, 4 em jogos particulares e 2 nas Seleções Nacional e Militar (contra a R. A. F.) num total de 62!

Ao Elvas, em casa, marcou 5 em 10-2-46 e igual número ao Boavista, no Lumiar em 10-3-46; ao Porto, fazendo parte do mixto que defrontou o F. C. do Porto, no festa de despedida do «formidável» Pinga, 4, sendo 3 na 1.ª parte e 1 na 2.ª.

1946-1947 — Foi o melhor marcador da temporada com 52 tentos! No Campeonato Nacional, o primeiro com 41 bolas e, ainda

Problemas Técnicos

I—A posição de partida

NÃO há hoje um único corredor de velocidade que não saiba utilizar os blocos de partida, mas muitos serão aqueles que regulam arbitrariamente, por imitação ou dogma, a colocação dos dois pés, tanto em relação um ao outro, como à linha onde assentam os mãos.

Para todos transcrevemos as conclusões do estudo sobre o problema elaborado pelo técnico sueco dr. Landgren, baseando-se na análise da posição dos grandes velocistas americanos.

O ponto de partida para o cálculo da posição de partida, diz ele, deve sempre ser a colocação do pé da rectaguarda, partindo-se do princípio que ela é dependente do ângulo formado pela coxa e pela perna quando o corredor está na posição de «pronto». Por outras palavras, pode afirmar-se que o pé da rectaguarda será colocado a uma distância tal da linha de partida, que o tronco, ao comando de «Prontos», se possa levantar aproximadamente no plano da cabeça permitindo à coxa tomar o ângulo de trabalho mais favorável.

Não é fácil fixar com precisão, sob o ponto de vista da mecânica atlética, qual deva ser este ângulo, mas podemos estabelecer uma média de 130° a 140°. Não se pode, portanto, indicar a na distância fixa entre a linha de partida e o bloco de apoio do pé da rectaguarda; ela é meramente individual e depende do comprimento do tronco, da coxa e da perna, tendo apenas como determinante fixa o ângulo de abertura da coxa com a perna na posição de «Prontos».

Uma vez colocado assim o pé mais recuado, resta fixar a posi-

ção relativa do outro, que os antigos preceitos determinavam o mais próximo possível da linha de partida, o que trazia como consequência um péssimo ângulo de trabalho para a perna, na posição de «Pronto» e na fase inicial da abalada.

Isto significava na prática que o corredor tinha de se deslocar sensivelmente para diante antes de poder aproveitar a intervenção, na máxima força, da perna anterior, o que se traduzia por demora na entrada efectiva em acção.

Para evitar este inconveniente é preciso encontrar uma colocação do pé anterior que permita a posição de trabalho mais vantajosa possível para a entrada em acção da coxa respectiva, no momento em que a perna de trás, em extensão completa, deixa de poder agir.

Estas condições só são possíveis desde que o bloco de apoio do pé anterior seja colocado a curta distância à frente do outro (20 a 30 cm.), sem a preocupação de proximidade de linha de partida.

Parece-nos que neste problema, que não é estritamente estático, há que contar com a força de impulsão muscular (ângulo menor para musculatura mais possente) e que considerar ainda a sequência da extensão impulsiva inicial, isto é, o equilíbrio do corredor durante as primeiras passadas: se os pés estão demasiado recuados, o centro de gravidade cai muito à frente dos pontos de apoio e o corredor mergulha para diante; no caso inverso, o sentido da impulsão aproxima-se da vertical e o corredor levanta-se cedo demais.

SALAZAR CARREIRA



Vila Real, 2-Chaves, 0 — Melo, de Vila Real, num salto magnífico, tira a bola, de cabeça, a um defesa de Chaves

JOGOS INTERNACIONAIS

Hamburger contra Sporting no Estádio Nacional

Amanhã, no Estádio Nacional, disputa-se um desafio de grande interesse. Os alemães de Hamburgo jogam contra o Sporting, correndo a organização do jogo a cargo das Obras de Beneficência e das Missões Católicas Ultramarinas.

Todos sabemos como o Sporting costuma jogar contra estrangeiros e relembramos algumas das suas famosas exibições. É, portanto, uma altura excelente para aquilatar do actual valor da equipa, a quem alguns apontam abaixamento de forma, mas que continua na senda dos bons resultados, e estes são a tradução do jogo desenvolvido em campo.

Sobre os alemães não temos notícias certas, mas a nossa recordação guarda deles a ideia de jogadores atléticos e vigorosos, de pontapé forte e jogando em combinação. De qualquer modo, o desafio deve dar-nos algumas indicações e constituir um bom espectáculo.

No Pavilhão de Desportos

Campeões nacionais de basquetebol

Um festival a 3 de Dezembro

A Federação Portuguesa do Basquetebol organiza no próximo dia 3 de Dezembro, pelas 20 e 30, uma festa no Pavilhão dos Desportos para distribuição das taças aos três campeões nacionais, Académico, Sporting e Ateneu.

Estreia-se em Lisboa a Académica que jogará contra o Sporting, realizando-se ainda desafios entre Benfica e Barreirense, Ateneu-Técnico.

GRAVURAS

de Armeis & Moreno, Lda.

Travessa S. João da Praça, 38

A MODERNA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

Rua Eduardo Coslho, 22-G

Telef. 30078

LISBOA

o primeiro, pelo máximo obtido em um só prélio.

Em 24-11-46, marcou 6 golos ao Famalicão no campo do Freirão; em 12-1-47, 4 ao Elvas no Estádio Municipal e 4 ao Atlético, na Tapadinha em 6-4-47.

1947-1948 — 34 jogos, com 51 golos! Não alinhou em 9 desafios do Campeonato Nacional e em 4 da Taça de Honra da A.F.L. Apesar disso, ainda foi o primeiro marcador na Taça Portugal e de parceria com Albano na Taça de Honra.

Contra o Lusitano, em 15-1-48, Sporting de Gouveia em 1-4-48 e Portimonense em 20-6-48, meteu em cada desafio 5 golos e contra o Sport Lisboa e Benfica, no Campo Grande, em 25-4-48, 4 tentos!

1948-1949 — Ao Boavista, 8 tentos em 17-9-48 e ao Norrkoeping, 4 em 1-12-49, foram os máximos conseguidos em um desafio, não sendo de despresar os 3 ao Torino, em Madrid, na Taça Latina em 26-6-49.

Total de golos marcados nesta temporada, 55! Mais uma vez o primeiro da época e do Campeonato Nacional e da Taça Latina!

Ainda mais alguns elementos:
5 vezes campeão Nacional (1940-41; 1943-44; 1946-47; 1947-48 e 1948-49).

1 vez campeão de Portugal (1937-38).

4 vezes vencedor da Taça de Portugal (1940-41; 1944-45; 1945-46 e 1947-48).

7 vezes campeão de Lisboa (1937-38 a 1938-39; 1940-41 a 1942-43; 1944-45 e 1946-48).

20 vezes internacional: contra a Alemanha, 1; contra a Suíça, 5; contra a Irlanda, 3; contra a França, 4; contra a Espanha, 5; contra a Inglaterra, 1; contra a Itália, 1.

14 Seleções por Lisboa.

O total de golos marcados, incluindo os dos jogos disputados na Suécia e em Angola, eleva-se a um número muito superior a setecentos, o máximo atingido por um jogador português. Este recorde dificilmente será batido!

9 golos em um só desafio, outro recorde! 8 golos pela Seleção de Lisboa, também em um só encontro, é proeza sem igual!

13 golos marcados na Seleção Nacional, mais um recorde!

63 golos marcados ao Benfica, 61 a «O. Belenenses» e 37 ao Futebol Clube do Porto, são proezas que ficarão gravadas indelévelmente a atestar o valor do melhor rematador nacional!

Com estas ligeiras notas damos por concluída a nossa oferta de curiosidades, se bem que a lista de «novidades» deste género seja muito mais extensa...

No dia 5 de Outubro de 1949, Fernando Puyol, abandonando voluntariamente o futebol, em plena glória, deixou uma profunda saudade em todos os desportistas que unânimemente o admiravam e um lugar vago na Seleção Nacional, sem que se vislumbra ainda, qual será o seu substituto, conforme o dizer concordante de todos os «ídolos» da bola, das individualidades responsáveis, — dirigentes e técnicos — do futebol português e dos próprios aficionados.

Esta a sua maior honra, o melhor galardão!

Para remate desta crónica, que consagra o jogador e o homem, não encontramos melhor homenagem do que as palavras que já lhe dedicamos em outro escrito:

Findou a carreira do mais extraordinário avançado-centro nacional, do melhor fazedor de golos, do indomito e pujante atleta que deixou gravada, a letras de ouro, a sua passagem pelo futebol português!

FIM

Custódio, do Vitoria de Guimarães

(Continuação da pág. 7)

— Gosta de jogar? — Inquirimos.

— Muíttissimo. Jogo por gosto, porque alguma coisa cá dentro me impele para o contacto com a bola. Treino com boa vontade, preparo-me cuidadosamente.

«Tenho a fobia de marcar golos... sempre que posso, mas sem me esquecer de servir os companheiros que estejam em melhor posição do que eu. Qualquer dos pés me serve, ou a cabeça, quando a bola está mesmo a jeito de lhe dar o caminho desejado. Com orgulho. Lhe digo que já tenho feito anichar a bola nas balizas contrárias, bastantes vezes; no Campeonato de Setúbal fui o 2.º marcador. Porém, quando erro a pontaria fico tão contrariado que não faz ideia... Posso jogar a interior ou a exterior sem me perturbar, se bem que o meu lugar actual me agrade muito. «Na época passada, depois do meu

querido colega Franklin, fui o melhor marcador da equipa com 9 bolas. Este ano vamos a par, com 3 cada um». O fim do Campeonato Nacional ainda vem longe... hei-de ultrapassar a marca do ano passado... se não me falharem as previsões...

— Quanto a treinadores, que me diz?

— Que estou deveras reconhecido a Alfredo Valadas, pelo que me ensinou nos «Onze Unidos» primeiro e, depois no Vitoria. Foi com ele que comecei a singrar com mais segurança nestas andanças da bola. Todavia, as minhas preferências, por justas, vão para Janos Biri, uma dedicação e uma competência. A rapaziada quer-lhe muíttimo e, neste momento, sofre de profunda comoção por o saber retido numa cama da Casa de Saude do Olival de Coimbra. Última desse estúpido desastre no automóvel em que eu e ele viajávamos na companhia do Ferreira e do sr. Simões. S ubemos

há momentos (esta conversa efectuou-se no domingo de manhã, dia 20), que passu uma noite agniatissima. Mesmo assim, pediu para dizer à «malta» que continuava a confiar no nosso brio e entusiasmo...

Um rictus de amargura vincava o rosto do atleta e do dirigente, que esqueciam o próprio sofrimento para cuidarem de outro que sofria muito mais do que eles.

Quanto pode a solidariedade e o companheirismo entre homens que praticam desporto!

Dois perguntas, daquelas que são protocolares nestas trocas de impressões, foram formuladas seguidamente.

— E as respostas:

— As mais gratas recordações da minha curta carreira, aquelas que mais vinculadamente me impressionaram de forma agradável, vou citá-las: o encontro «Onze Unidos»-C. U. F. do Barreiro, efectuado em Alhandra, a contar para a «poule» final do Nacional da II Divisão e em que a minha equipa saiu vencedora por 2-1, após duas horas de jogo, tendo eu marcado, no prolongamento, o golo da vitória e, ainda, o desafio em que o Vitoria de Guimarães derrotou o Sporting de Braga, por 3-1. Meti os dois primeiros golos! A propósito vou fazer-lhe uma confidência. De todos os clubes com que tenho jogado e venha a jogar, calcule qual é o que mais «gostava» tenho de vencer, porque sinto uma satisfação enorme? O Sporting de Braga. E' por esta mesma razão que o reverse da «legria, a tristeza, me deixou o seu rastro gravado na alma, quando perdemos por 5-0, no campo da Ponte, contra essa equipa, no prélio travado na «T.ª» Preparação desta época. Jogámos praticamente com 9 homens...

— De todos os defesas que tenho encontrado com a missão de marcar, o mais difícil de passar é Jacinto, do Benfica. E' uma ver-

dadeira «sombra», e como tal, não me larga. No meu lugar, os melhores, no passado, João Cruz, um «assombro» e, no presente, Rogéio, um «grande» jogador.

«Quero apontar-lhe ainda nomes que são representativos de «classes» e cujos atletas admiro com sinceridade: Azevedo, Francisco Ferreira, Barrigana, meu antigo companheiro de equipa e Va-ques... Amaro, Pinga, Peyroteo e Pireza, este um «artista» da bola, o meu preferido, aquele que foi inconfundível...

— Quais os seus projectos e anseios, Custódio? — perguntámos.

— São modestos, como eu — retorquiu-nos. Em primeiro lugar, dedicar todo o meu entusiasmo e valia ao Vitoria, clube que é hoje o meu preferido e cuja camisola defenderei com espírito de sacrificio até «arrumar as botas». Depois que o campo de jogos do meu clube seja relvado, porque gosto de jogar sobre a grama; que a nossa posição no Campeonato em curso seja digna, embora me incline para o Benfica e Sporting, como prováveis triunfadores; e que se o profissionalismo vier a ser implantado, eu possa vir a ser profissional para me poder treinar convenientemente, sem preocupações da hora de entrada na Câmara Municipal, onde estou empregado. Como é esta a minha primeira entrevista, por intermédio da «Stadium», saúdo todos os camaradas e o público em geral.

Mais não disse o esperançoso jogador vimaranense.

A uma insistência nossa, o dedicado e competente dirigente sr. Simões, com gentileza, declarou-nos:

— O Vitoria atravessa uma crise que não tem explicação. O mal agravou-se, agora, com este desastre estúpido que teve sérias repercussões no moral dos atletas e inibe o treinador de cuidar da turma, durante algum tempo.

«No entanto, acredito na subida da equipa e presto homenagem sincera a Biri, que num gesto único de amor pelo clube e pelos rapazes, após o desastre, contendo-se com dores e com o sangue a jorrar em abundância, me pediu para que junto dos seus pupilos fosse o intérprete dos seus desejos de uma luta digna e vibrante em frente da valorosa equipa do Benfica, porque ele estaria espiritualmente acompanhando a sua acção. Biri chorava ao dizer isto.

Ainda outra afirmação: — O Vitoria, por delegação da Câmara Municipal da cidade, já tem concluído o projecto do futuro Estádio Municipal, a construir oportunamente, tendo os srs. ministro das Obras Públicas e director geral dos Serviços de Urbanização, prometido dedicar ao assunto toda a sua valiosa protecção e carinho para que seja satisfeito o legítimo anseio de todos os vimaranenses.

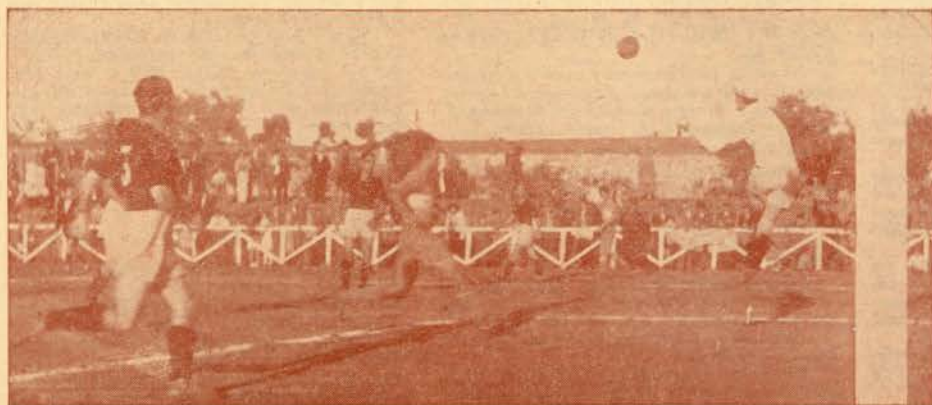
PITTA CASTELEJO

Uma entrevista para o Brasil

Estão em Portugal dois jornalistas brasileiros que, há dias, entrevistaram o membro do Conselho de Seleção, Salvador do Carmo, o qual lhes deu impressões do futebol português, notícias da preparação do Grupo Nacional, fazendo-os ainda cientes de referências a respeito do Seleção.

ARCADIA DANCING DE LUXO	
Ambiente cosmopolita	
Extraordinário programa de Variedades da qual fazem parte	
3 grandes super-atracções	
Elegantes bailarinos acrobáticos dinamarqueses	Realizadores do impossível que o público consagrou
Pruillé & Talow	
Hermanos Maya Os príncipes do baile clássico espanhol	Olimpia y Raga Simpática parilha de baile e canto folclore andaluz
Tomam parte neste programa as simpáticas artistas	
Mary Mely, Rose y Mary, Mabel Valencia, Charito Galez, Mary Cruz, Ballet Seis Eirelas, Lolita Valladares, Carmencita Vinas, Juanito Castaño	
Música constante pelas dinâmicas ORQUESTRAS	
«LOS LATINOS» E «ARCADIA»	

ELVAS, 4-OLHANENSE, 3



Patolino, no centro do terreno, persegue a bola, mas o guarda-redes anticipa-se na boa altura

SEGUNDA DIVISÃO

Ea primeira «poule» do Campeonato entrou no galope final.

Agora, todas as deslocações, todos os jogos mesmo em ambiente amigo são difíceis.

Uma escorregadela, por ligeira que seja, pode estragar uma carreira e provocar estragos irreparáveis.

O equilíbrio que temos vindo a apontar, como sinónimo evidente de progresso, não se quebra.

Cada vez é mais palpável e cada vez provoca mais amargos de boca aos aficionados *doentes e cardíacos*.

Casa Pia é uma equipa de tradições. Grupo que foi berço de jogadores da estirpe de Roquete, Cândido de Oliveira e outros, lutar anos a fio com infelicidades e injustiças, que o afastaram do lugar próprio.

Mas a fé e a alma das «casapias» é grande. Nunca desistiram. Nunca cederam. E hoje com um fogo interior, nascido duma camaradagem e de uma afeição só com similar na Académica, preparam-se enérgicos e valerosos para vencer mais um difícil passo da sua carreira pejada de triunfos.

Todos sabemos que o Oriental é um clube de classe reconhecida e firmada. Pois o Casa Pia esteve a vencer por 3-0 e os «marvilhenses» arrancaram o empate apenas.

No Casa Pia, primeiro que tudo, há uma enorme genia. Depois, há também valor. A equipa irá longe. Está bem amparada e revela método e trabalho.

Augusto Amaro temou conta do Ginásio do Sul. O grupo segue marcha hesitante. A mão segura do sintonizador levou-o para bom caminho, dando-lhe um sistema. No último jogo, o treinador ensaiou os 4 em linha. E não podemos dizer que a tática não tivesse dado resultado. Os «almadenses», guias por mérito próprio, cairam. E a preza não está ao alcance de qualquer...

O grupo mostra-se sabedor e com qualidades em potência. A mão experiente de Amaro dar-lhe há o resto.

Vej-mos agora os restantes resultados.

Vila Real, guia incontestado e valoroso, livrou-se dificilmente da animosa turma de Barcelos. E' possível que os transmontanos tenham encasado o encontro com excessivo optimismo. E às vezes estas coisas pagam-se por um alto preço.

O Famalicão a pouco e pouco recupera. Ainda peará no ânimo dos jogadores o *tráxico fim* da época passada? O Leixões, depois dum passo em falso, voltou aos triunfos por conta expressiva.

Beira Mar, agora bem orientado e com qualidades indiscutíveis, esforça-se denodadamente por obter classificação brilhante.

O Boavista venceu os «mata-gançantes» de Santo Tirso. Terá encarecido na senda da vitória?

O Académico de Viseu cedeu estrondosamente. Pireza chegou à Guarda, viu e venceu. Que tónico teria dado ao União, o antigo «internacional»?

O União de Coimbra mantém-se invicto. E' grupo de grande valor.

O Alhandra e o Arroios venceram fora de casa. Isto merece sempre saudação especial.

O Barreirense foi a casa do Cova da Piedade buscar os pontos que este lhe tinha tirado na primeira volta. Logicamente as contas estão esdadas. E mais nada se pode adiantar!

O União de Montemor venceu por números que mostram bem as dificuldades que encontrou. O primeiro lugar ainda é seu. E não deve perde-lo!

E é exactamente o que sucede com o Portimonense. O excelente grupo algarvio voltou aos resultados maravilhosos. E ainda por cima em casa do adversário. Onde se prova que não é demis o que temos escrito sobre a equilibrada equipa.

Que faria ele na segunda fase?

A luta entre o Vila Real, Leixões, Académico de Viseu, União de Coimbra, Oriental, Casa Pia, qualquer dos apurados da série C e Portimonense, será digna de se ver. Que nos reservatá?

J. A. DE FREITAS

Seguem-se os resultados:

ZONA A

Série I

Sporting de Fafe	4	-	D. Chaves	1	
Vila Real	1	-	Gil Vicente	0
Monção	1	-	Vianense	1
Famalicão	3	-	F. C. Fafe	0

Série II

Leixões	4	-	Académico	1
Oliveirense	4	-	Leça	0
Beira-Mar	4	-	Espinho	2
D. Aves	2	-	Saquaremense	2
Boavista	3	-	Sp. Tirsense	1

ZONA B

Série III

L. Videmoinhos	1	-	S. L. Viseu	3
Gouveanense	1	-	Castelo Branco	1
Covilhãense	2	-	Sp. Lamego	2
Guarda	4	-	Acad. de Viseu	1

Série IV

«Leões»	5	-	Rossense	1
U. Coimbra	4	-	Combricense	0
Ferrovilários	4	-	G. Alcobaca	0
Mariálvas	3	-	Alcanenense	2
Torreense	8	-	Naval	2

ZONA C

Série V

S. L. Olivais	4	-	Palmense	1
Futebol Benfica	0	-	Arroios	1
Oriental	3	-	Casa Pia	3
Operário	3	-	Alhandra	4

Série VI

Cuf do Barreiro	5	-	Luso do Barreiro	0
Ginásio do Sul	1	-	Almada	0
Setúbal	0	-	Moutinho	0
Cova da Piedade	1	-	Barreirense	2

ZONA D

Série VII

Juventude	2	-	Estrela (Portalg)	1
Elétrico	1	-	Estrela de V. N.	2
Campomaiorense	1	-	União Sport	2
Portalegrense	0	-	Lusitano (Évora)	0

Série VIII

Bea Esperança	2	-	Sp. Farense	2
Aljubarrosense	2	-	D. de Beja	0
F. C. Silves	5	-	Atlético de Moura	0
S. L. e Faro	0	-	Portimonense	6

Lusitano, 2-Benfica, 3



Uma fase animada do encontro Lusitano-Benfica, em Vila Real, que dá bem a ideia do estado lastimoso em que se encontrava o terreno do jogo

Benfica e Sporting-A

únicas equipas de juniores cem por cento vitoriosas no campeonato de Lisboa

ESTÁ a disputar-se o XIII campeonato de Juniores da A. F. L., prova que teve a sua primeira edição em 1936, sucedendo aos torneios infantis, os quais se efectuaram de 1925 a 1935 tendo como vencedores: em 1925 - Benfica; 1926 e 30 (*) - Casa Pia; 1931 a 33 - Carcavelinhos; 1934 - Belenenses; 1935 (*) - Sporting. Nas competições de juniores registaram-se vitórias de: Sporting (1936, 39, 46 e 47); Belenenses (1927 e 40); Carcavelinhos (1928 e 42); Benfica (1941, 44, 48 e 49). A prova não se efectuou em 1945.

Com os desafios do último domingo terminou a primeira volta, cujas classificações, nos cinco séries são as seguintes:

Série A - Belenenses (7-0) e Estoril (6-2), ambos com 11 pontos; Atlético-A (4-3) e Cascais (4-9), ambos com 7 pontos; Casa Pia A. C., 4 pontos e 2-7. Série B - Sporting-A, 9 pontos e 11-0; Oriental-A, 7 pontos e 12-5; Mirantense (2-11) e Operário (1-10), ambos com 4 pontos. Série C - Benfica, 12 pontos e 12-0; Oriental-B, 10 pontos e 14-3; Atlético-B, 8 pontos e 9-1; Vitória, 6 pontos e 3-14; Arroios, 4 pontos e 2-19. Série D - Spor-

ting-B, 11 pontos e 11-2; Palmense, 9 pontos e 8-3; Cascalheira (9-3) e Futebol Benfica (6-7), ambos com 8 pontos; Amadora, 4 pontos e 1-18. Série E - Águia Vilafranquense, 11 pontos e 16-4; Operário Vilafranquense, 10 pontos e 6-3; Sacavenense, 9 pontos e 10-3; Alhandra, 6 pontos e 3-10; Alverca, 4 pontos e 1-12. As equipas do Sporting-A (3 e 11-0) e Benfica (4 e 12-0) são as únicas que somam por triunfos as partidas disputadas - ambas sem terem consentido um golo sequer! Mas Belenenses (7-0), Estoril (6-2) e Águia Vilafranquense (16-4) - apenas com um empate cada uma - também ainda não perderam.

Nas últimas partidas verificaram-se os resultados seguintes: Cascalheira-Estrela (Amadora), 7-0; Atlético-B-Arroios, 6-2; Sacavenense-Alverca, 4-0; Benfica-Oriental (B), 3-0; Operário Vilafranquense-Alhandra, 2-0; Sporting (B)-Palmense, 2-0; Cascais-Casa Pia A. C., 2-1; Belenenses-Atlético (A), 1-0.

Equipas que descansaram: Águia Vilafranquense, Estoril, Futebol Benfica, Mirantense, Operário, Oriental (A), Sporting (A) e Vitória. - J. M.



Em juniores, Benfica, 3-Oriental, 0 - Depois do dianteiro do Benfica levar tudo de vencida e ter o guarda-redes para trás, surge-lhe um último obstáculo...

O CAMPEONATO DO SUL

prossegue com interesse invulgar

O Campeonato do Sul vai em meio, no momento em que escrevemos esta crônica. Serão talvez prematuros quaisquer vaticínios acerca do possível vencedor da prova.

No entanto, pela força já demonstrada em anteriores competições, e confirmada no torneio em curso, há pelo menos dois jogadores que se poderão considerar desde já favoritos: Francisco Lupi e João de Moura. Mas as possibilidades de Marçal Rocha tornaram-se ainda bem maiores. O próximo encontro entre A. Galhardo e Marçal Rocha, deve definir em absoluto a posição deste último. Porque João de Moura, depois de ter derrotado Francisco Lupi e Vasco Santos e empatado com o ex-campeão nacional Carlos Pires, dificilmente será arreado na carreira para o título. Tudo depende da resistência que Marçal Rocha opuser aos ataques que a sua posição de «leader» provocará — e do êxito ou fracasso da perseguição que os seus mais directos rivais lhe estão movendo.

Outro atractivo da prova reside na possibilidade deste torneio servir para selecção da equipa lisboeta no projectado Campeonato Lisboa-Porto-Coimbra, a realizar no princípio de Dezembro na cidade do Mondego.

Não está ainda assegurada a participação da turma do Sul, e nem sequer a própria execução do torneio. O entusiasmo é grande mas o dinheiro ainda é pouco.

De qualquer modo, o Campeonato do Sul serve para escalar valores, e por isso o seu interesse não está limitado à questão do título.

A confirmar-se a realização do torneio regional em Coimbra, serão apurados os quatro primeiros classificados do Campeonato do Sul.

Uns mais que outros, todos os concorrentes reúnem probabilidades de serem a ser seleccionados — isto a meio da prova. A medida que esta vá decorrendo, muitas esperanças se irão forlificando à custa doulras que se vão desvanecendo...

Os jogos

Nos jogos principais da 3.ª jornada, João de Moura venceu meritadamente F. Lupi, colocando-se à frente da classificação geral. V. Santos, defrontando Marçal Rocha, lançou-se deliberadamente ao ataque, à custa do enfraquecimento do próprio roque. Rocha concluiu brilhantemente um contra-ataque, com saerificio da Dama. Nas restantes mesas, Carlos Pires e Emílio Valladares ganharam a Araújo Pereira e Adelinho Galhardo.

Na sessão seguinte assistimos a um bom jogo de F. Lupi contra A. Pereira, com uma bonita combinação final.

O guia da classificação defrontou Vasco Santos en-aiando uma «escandinava» (1 e 4, d 5) mas só tomou vantagem no meio da partida, mediante uma inesperada combinação, que lhe proporcionou o triunfo. Vinagre teve sempre a iniciativa no jogo contra M. Rocha, mas não foi além do empate. A primeira surpresa do torneio foi a vitória do dr. Valadares frente ao ex-campeão de Lisboa e Portugal, Carlos Pires. Este recusou a proposta de empate e tanto «forçou» o ganho... que acabou por perder!

Na 5.ª jornada, o interesse atingiu o auge, quando José Vinagre obteve um sensacional triunfo contra o «leader» da prova. Uma partida correcta, desde o início, que honra ambos os contendores e cujo final empolgou a assistência.

Beneficiando deste resultado, e também da sua vitória contra o dr. Valadares, que o guia invicto, Francisco Lupi guindou-se ao primeiro posto.

Nos outros tabuleiros, Vasco Santos obteve uma boa vitória contra Araújo Pereira, desforçando-se de uma série de desaires que vinha sofrendo diante do fegoso campeão da 1.ª categoria do G. X. L. E Carlos Pires, refusingo a ataque de Galhardo, alcançou o seu segundo triunfo da prova, igualando a pontuação de M. Rocha, no 4.º lugar da classificação geral.

As últimas sessões

A partir da 6.ª jornada, a feição do torneio modificou-se radicalmente.

João de Moura, depois de perder com Vinagre, foi batido por Marçal Rocha, sendo ultrapassado por este e por Vasco Santos, ambos com 3 vitórias consecutivas contra jogadores da Cat. Honra.

José Vinagre, que começara o torneio com duas derrotas, conseguiu uma excelente recuperação, com dois empates seguidos interessando duas vitórias.

Entretanto Francisco Lupi tomou o comando da classificação, mas perdendo com C. Pires na 7.ª jornada foi ultrapassado por Marçal Rocha.

Na penúltima ronda os nervos dos jogadores foram postos à prova, tantos foram os altos e baixos das partidas.

Vasco Santos e Carlos Pires empataram rapidamente por repetição de lances, sendo visível o receio mútuo...

Na partida semi-decisiva para o título, Rocha venceu o dr. Valadares, num jogo que o último teve ganho no princípio e que acabou por perder por desconcertante lapso. João de Moura,



Andebol — A equipa de andebol do Académico Futebol Clube, vencedora da sua Série, a qual conquistou a Taça do Comércio do Portos



Homenagem a Manuel dos Santos, saudoso desportista e um dos impulsores do Clube Fluvial Portuense na sede desta agremiação — A esposa de Manuel dos Santos no acto de descer um bronze em homenagem ao grande e puro desportista



Leixões, 2-Boavista, 1 — Carlos, guarda-redes do Boavista, lança-se com oportunidade, em mergulho, e anula o remate perigoso de Roberto, do Leixões

jogando com Araújo Pereira, desencadeou um enérgico ataque, com sacrificios de pões à mistura. Mal ou bem, acabou por ganhar.

José Vinagre obteve vantagem contra A. Galhardo mas, por erro posterior, insuficiente para ganhar. Talvez por excesso de confiança, Galhardo cometeu uma

falta, prontamente explorada pelo adversário.

Os jogadores iniciaram a derradeira jornada, assim ordenados na classificação: 1.º M. Rocha, 5,5; 2.º F. Lupi, 5; 3.º J. Moura e V. Santos, 4,5; 5.º C. Pires, 4; 6.º J. Vinagre, 3,5; 7.º E. Valadares, 3; 8.º E. Galhardo e A. Pereira 1 ponto.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO



Pancho Gonzalez neste seu match contra T. S. Schroeder revela, perante 13.000 espectadores, o seu estilo impetuoso e característico, que o torna um dos tenistas mais famosos do Mundo!

Futebol

A Turquia, jogando em casa, eliminou a Síria da Taça Jules Rimet, batendo a selecção deste segundo país por 7 bolas a zero. Cabe-lhe, agora, enfrentar o país finalista da zona austríaca.

Em Budapeste (Hungria) a equipa nacional húngara venceu a da Suécia pelo volumoso resultado de 5 bolas a zero. Dois golos, marcados na primeira parte, proporcionaram uma vantagem suficiente e daí até final os húngaros fizeram primorosa exibição das suas capacidades, enquanto que os suecos decepcionaram completamente.

O País de Gales conseguiu desbaratar a má sorte que o perseguia, ganhando à Bélgica pelo volumoso resultado de 5-1. Os belgas foram tenazes e combalvos, como sempre, mas os galenses, exibindo-se na própria casa, mostraram-se na sua melhor forma.

Esgrima

Quando três mil espectadores se reúnem para assistir a uma prova de esgrima, é possível assegurar a popularidade do belo desporto das armas.

Necessariamente, o facto passou-se em Paris, no ginásio Huyghens, no decorrer da Challenge Monal, ganha em 1948 pelo notável spadachim italiano, Eduardo Mangiarotti, que voltou a triunfar de uma coligação assaz poderosa.

Talvez que a ideia de ver o domador comido pelos leões conduziu-se tanta gente ao lugar, mas se assim sucedeu, perderam o tempo.

Artigas, campeão do Mundo de 1947 e André Gardère ficaram eliminados nos oitavos de final. Os finalistas, Mangiarotti e Tournon assaltaram com grande brio e ciência mas o mestre italiano saiu vencedor nas duas «mãos» por 5-3, 5-3.

Automobilismo

A mais dura, difícil e longa corrida de estrada da América do Sul, que se denomina «Grande Prémio da República Argentina» prossegue com entusiasmo sem precedentes.

A rivalidade entre os «ases» do volante, Juan Galvez e Juan Fangio, parece decidir-se a favor do primeiro. Ao cabo da 8.ª tirada (861 quilómetros) Galvez leva uma hora e dezasseis minutos de avanço, mas como falta um terço do percurso, ainda pode suceder uma cena teatral de inesperadas consequências.

NOTA DA SEMANA

A temporada hípica das corridas de piso plano encontra-se praticamente concluída. Já o epílogo tradicional, denominado Manchester Handicap, entrou no domínio dos acontecimentos concluídos e agora vai nascer a época das provas com obstáculos, tão do agrado do público elegante e tão propício, também, para o estendal das «toilettes» femininas.

O balanço da estação de 1949, em particular aquele que respeita à Inglaterra, acaba de sair a lume e, pelos dados estatísticos fornecidos à Imprensa, podemos averiguar com segurança quanto vale — desportivamente e financeiramente — a indústria do apuramento rócico cavalor.

O grande naturalista Buffon, apreciando mais os serviços prestados pelos equídeos, chamou-lhes a mais nobre conquista do Homem. Parafrazeando o sábio, diremos que essa conquista também é singularmente rendosa.

Assim, cabe ao conhecido chefe espiritual dos muçulmanos, Aga Khan, criador de grande proeminência, o primeiro posto, sob o ponto de vista de benefícios e de primeiros lugares. As suas côres passaram 38 vezes a linha de chegada na frente de quaisquer competidores, conquistando prémios no valor de 69.000 libras.

A venda dos produtos, saídos das coudelarias desse Crésus oriental, atingiu outrolanto, ultrapassando o melhor jamais alcançado.

Ao preparador Frank Butlers, possivelmente o melhor que tem pisado a relva de Newmarket, pertence a distinção de ser o mais bafejado da caprichosa fortuna. Desde 1927, cifra-se em mais de mil a soma de primeiros prémios de sua responsabilidade.

Gordon Richards repeliu a proeza que há vinte anos o distingue: conduziu à vitória 261 montadas, cifra que se aproxima do recorde por uma pequena diferença de oito cavalos.

Embora o hipismo de corridas se encontre quase morto no nosso País, onde tantas e admiráveis tradições ainda possui, achamos de certa oportunidade trazer a lume as referências que atrás ficam. Não nos passa pela mente, sequer, a ideia de especular com o caso. Seria ridículo, evidentemente. Quando muito, servirá de recordação, nada mais.

Parquale Gramegna, o mais inteligente de todos os «managers» de boxe italianos, faleceu há dias na cidade de Milão. Doença pertinaz, embora benigna na aparência, trazia-o retido no leito há longos meses.

Antes de 1939 já o seu nome saíra dos limites das fronteiras domésticas, como o de uma personalidade forte, honesta, hábil e dedicada. Passaram-lhe pelas mãos, entre muitos outros de categoria internacional, pugilistas da craveira de Merlo Preciso, Aldo Spoldi, Saverio Turietto, Tamagnini, Gallaneo, etc.

Oito campeões da Europa, nem mais nem menos, soube conduzir a tão alto posto. Ultimamente, vigiava os interesses de Tiberio Milri, sucessor de Cerdan e Delannoit no campeonato europeu de amédios.

Na noite do seu passamento jogava em Paris um dos seus pupilos, Gianelli, que foi informado do fatal desenlace quando desceu do rectângulo.

O público viu-o romper num choro convulsivo, sem compreender a verdadeira causa, e como a insensibilidade de muitos se torna contagiosa lançou-lhe alguns remos. Só depois conheceu o motivo de sofrimento tão fundo e mostrou-se carinhoso, cheio de piedosa humanidade.

Gramegna, se pudesse presenciar aquela confissão de carinho, devia sentir orgulho. Muito fez pelos pupilos. Como François Descamps, o epíteto de «o primeiro «manager» entre tantos», fica-lhe a carácter.

RAFAEL BARRADAS

Boxe

O mais anciadamente aguardado combate da semana finda, disputou-se em Montreal, entre o cubano Kid Gavilan e o francês Lucien Dauthuille. Apesar de uma desvantagem de 3 quilos foi o primeiro que saiu vitorioso por pontos, embora por escassa diferença, demonstrando maior rapidez na execução dos golpes.

Assistiram à pugna 12.000 espectadores, que não se conformaram com o resultado, protestando ruidosamente. Todavia, a decisão pareceu justa à maioria dos críticos.

Em Inglaterra, no Casino Bellevue de Manchester, o campeão da Europa de semi-leves, Ray Farnham, conservou o título ganhando por pontos ao inglês Ronnie Clayton, após 15 assaltos bem disputados.

O francês impôs o seu jogo a partir do 9.º assalto e daí por diante não foi mais inquietado.

Luís Skenas, na Sala La Mutualité de Paris, derrotou o italiano Giannelli, por desistência e Georges Moresse, campeão da França de semi-leves ganhou por pontos a outro italiano, Mario Rossellini.

Ciclismo

Em Argel, os irmãos Coppi exibiram as suas habilidades contra o duo Piel-Coste. Na prova «omniuns» saíram triunfantes mas cederam o pé na prova «americana». Apesar do resultado, o público saiu satisfeito e aplaudiu o grande «do pedal» transalpino.

Ténis

Pela 10.ª vez consecutiva, o campeão do Mundo profissional do ténis, Jack Kramer derrotou o ex-campeão do Mundo «ador», Pancho Gonzalez por 9 11, 8 6, 7 5. Neste dia-flo, Kramer executou 22 serviços imparáveis, coisa inconcebível ante um adversário de tamanha capacidade.

Por sua vez, o equatiano Pancho S-gura bateu Frank Parker por 6-1, 6-3, manifestando notável superioridade.



A equipa do Palmeiras, segundo classificado do Campeonato de futebol de S. Paulo, no Brasil, passou por Lisboa, a caminho de Barcelona onde disputou no passado domingo um desafio contra o Barcelona, verificando-se um empate a duas bolas. A equipa é excelente: rápida, movimentada e dura. Os interiores mostraram-se mestres e os médios deram-nas vistas. Talvez que esta equipa visite Portugal

Guimarães, 3-Académica, 0



Reapareceu Travassos, uma das estrelas cintilantes do futebol português, que, após a operação ao menisco, se apresentou no domingo passado, no Estádio Alvalade, na reserva do Sporting contra o Belenenses.

Travassos, embora não se tenha empregado a fundo, evitando por consequência o choque não se ressentiu do Joelho, correndo, saltando e actuando com desembaraço que nos dá que, muito em breve, o grande jogador retomará a sua forma, continuando a acumular vitórias para o seu clube, e, provavelmente, a prestar cooperação de relevo na selecção portuguesa.



AO LADO — José Brás tenta cortar a marcha impetuosa de Teixeira da Silva. **EM CIMA**, à esquerda: Rebello vai rematar. Curado e Brás já não podem evitar o pontapé à baliza; à direita, Teixeira da Silva, apesar da lula com Branco remata de cabeça

Setúbal, 3-Braga, 2



Defesa de Carvalho, guarda-redes de Setúbal. Fontes, o árbitro e outros jogadores observam o lance



Este ataque dos setubalenses gorou-se, porque Cesário defendeu com oportunidade, saindo das balizas a tempo